



PLURIATIVIDADE NA AGRICULTURA FAMILIAR EM CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ

*Bruna Alessandra de Gouveia Freitas, Rafaela Gama de Moraes, Flávia Nunes
Barreto, Guilherme de Souza, Ronaldo Rodrigues.*

Universidade Federal Fluminense

RESUMO

Este artigo analisa a pluriatividade na agricultura familiar, seu surgimento e evolução, utilizando de um resgate bibliográfico e de entrevistas. A pluriatividade é uma reação aos diferentes processos na organização econômica, mas também pode aparecer como uma prática natural pelos próprios membros da família, sendo incorporada no cotidiano dos agricultores de forma natural. Os agricultores familiares apresentam diversas angústias, como o abandono do Estado, as dificuldades na produção, a falta de estrutura na moradia e o difícil acesso ao crédito. Tais problemas passam a existir com a entrada da modernização no campo e é necessário entender o processo, antes de tudo.

Palavras-chave: Pluriatividade; agricultura familiar; campo.

ABSTRACT

This article analyzes the pluriactivity in family agriculture, its emergence and evolution, using a bibliographical rescue and interviews. Pluriactivity is a reaction to the different processes in the economic organization, but it can also arise as a natural practice by the members of the family, being incorporated into the daily life of the farmers in a natural way. Family farmers have a lot of anguishes, like the state abandonment, the production difficulties, lack of housing structure, and difficult access to credit. Such problems arise with the entry of modernization in the field and it is necessary to understand the process first of all.

Keywords: Pluriactivity; family farming; field.

1 – INTRODUÇÃO

O tema pluriatividade na agricultura familiar é abordado neste trabalho a partir de uma breve perspectiva dos clássicos da Questão Agrária e os efeitos do capitalismo no meio rural, desde o processo da modernização e da submissão dos agricultores às forças vigentes, a entrada do

agronegócio em solo brasileiro e suas consequências na formação de famílias e práticas pluriativas. O intuito é relacionar o desenvolvimento técnico com a diversificação produtiva camponesa, tendo em vista as novas dificuldades impostas por esse sistema econômico.

Os estudos sobre pluriatividade são relativamente recentes no Brasil. Como aponta SCHNEIDER (2007), possui três fases: na década de 1980, em que há a intensificação das pesquisas, sendo a principal referência às obras de Seyferth; em um segundo momento as pesquisas adquirem os termos *part-time farming* e *multiple-job holding* para descrever uma crescente atividade exercida pelos camponeses, onde não havia dedicação integral à atividade agrícola. A terceira fase compreende o final da década de 1990 até o período atual:

[...] e caracteriza-se pelos estudos sobre pluriatividade na perspectiva que esta noção adquiriu a partir da definição de Fuller (1990), que a entende como um elemento de diversificação que pode se produzir no interior da família ou a partir do exterior, pois ela funciona como uma estratégia que se modifica de acordo com a dinâmica das famílias e de sua relação com a estrutura agrária (Brun e Fuller, 1991). Os principais estudos desta fase sobre a pluriatividade (Carneiro, 1998; Schneider, 2003; Sacco dos Anjos, 2003; Kageyama, 1998) concentraram-se na análise da combinação de atividades agrícolas e não agrícolas na agricultura familiar e nos efeitos sobre as economias locais. (SCHNEIDER, 2007, p.1-2)

A pluriatividade nada mais é do que a diversificação das atividades rentáveis exercida pela agricultura familiar, sendo que todo o lucro, gerado ou não somente pela agricultura, é destinado à sua subsistência e o excedente é vendido. Através dela os membros das famílias, que residem no ambiente rural, optam pelo exercício de diferentes atividades até mesmo não agrícolas, mantendo a moradia no campo e possuindo uma ligação afetiva com o solo e a vida rural.

Favorece a divisão interna do trabalho entre a família podendo cada um exercer uma função - levando em consideração o seu número de integrantes, a localização e suas condições econômicas – auxiliando na renda. A pluriatividade é intensificada com a entrada do modo de produção capitalista. Estas atividades complementares ganharam força em meados dos anos 50, no momento em que as máquinas foram introduzidas no campo, afetando principalmente os pequenos agricultores. Os integrantes da família passaram a pensar individualmente, porém sempre visando o bem estar do conjunto por pura necessidade, e não por prazer.

As atividades complementares segmentadas no pluriativismo segundo Candiottto (2011) são usualmente associadas ao meio rural, à agricultura familiar, pois seu conceito é a associação entre atividades agrícolas realizadas dentro da propriedade, e atividades não agrícolas, que podem ou não serem realizadas na propriedade. Ou seja, um cruzamento de mais de uma função entre os

membros da família. Existem vários tipos de atividades não agrícolas como as de indústria, do comércio, artesanato, e são possíveis de serem executadas na cidade.

A quebra da autonomia é um dos principais fatores para essa diversificação produtiva, pois impôs uma dependência ao camponês, que não existia, frente cidade e a indústria para a sua produção e sobrevivência. Associado a essa dependência está a transformação da terra em mercadoria e, conseqüentemente, sua privatização, assegurada pelo Estado, que deu início a processos de grilagem, arrendamento e também da apropriação de recursos naturais, que antes eram majoritariamente comunitários.

As mudanças das relações de trabalho, o convencimento de que as melhorias técnicas, impostas pelo capitalismo, eram consideradas como o caminho para o progresso e contribuíram para a própria exclusão e proletarização dos camponeses. Impulsionados pela crescente perda de mão de obra - consequência direta da inserção das máquinas – e pela terceirização dos seus serviços, os moradores rurais encontram alternativas nas atividades não agrícolas.

Com o discurso do progresso tecnológico alinhado a associação entre o capital agrícola e o industrial, criou-se uma conjuntura desfavorável aos camponeses, tendo em vista que estavam perdendo as suas terras, os recursos naturais, pela competição desigual frente ao grande proprietário e submissão ao trabalho assalariado

“A combinação de atividades agrícolas e não-agrícolas tanto pode ser um recurso do qual a família faz uso para garantir a reprodução social do grupo ou do coletivo que lhe corresponde, como também pode representar uma estratégia individual, dos membros que constituem a unidade doméstica e pode ser entendida como uma estratégia de reação, em face há uma situação de risco ou vulnerabilidade, ou uma estratégia de adaptação, que ocorre quando os indivíduos dotados de capacidade de escolha conseguem optar e decidir frente a um conjunto de oportunidades e possibilidades”.
(SCHNEIDER, 2007, p. 5).

2 – OBJETIVOS

O estudo da pluriatividade é importante para a compreensão das mudanças no campo e o objetivo deste trabalho foi buscar compreender quais os motivos e em que contexto as famílias decidem aderir a esta atividade. Sabe-se que a perda da autonomia do agricultor pela introdução do capital no campo foi decisiva para estimular a pluriatividade, pois muitos perderam suas ocupações ou foram designados para áreas diferentes das que possuíam especialidade (SCHNEIDER, 2007). Ao explorar o estudo do conceito da pluriatividade no Município de

Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro - uma cidade média em plena expansão, com amplo histórico agrário e de lutas sociais no campo – procuramos também entender melhor a estruturação das famílias ditas pluriativas e as dificuldades que elas enfrentam diariamente na produção de seus produtos.

3 – METODOLOGIA

Para maior aproximação da realidade dos agricultores em suas atividades pluriativas foram realizadas entrevistas semiestruturadas na Feira da Roça e na Feira Territorial da Agricultura Familiar e Reforma Agrária do Norte Fluminense, em Campos dos Goytacazes – RJ, no dia 06/12/2016. As perguntas não seguiram uma ordem, mas abordaram questões como: de onde vieram; qual o tamanho da família; se todos trabalham na agricultura e, se não, qual era a outra atividade; a diversidade do produto; onde ocorria a venda do produto e se acontecia em outra localidade; a situação da terra; o recebimento de benefícios e ajuda do Estado; as técnicas de produção; as dificuldades no campo e se achavam o trabalho prazeroso. O número de entrevistados foi reduzido e alguns não aceitaram a identificação.

Na localidade de Santa Cruz fomos a campo viver por um dia a rotina de um casal de agricultores, Rosângela e Ronaldo, na data 08/12/2016, onde participamos de suas atividades de modo com que tivéssemos uma abordagem mais pessoal pela metodologia exploratória.

4 - RESULTADOS

Houve uma constatação geral da dificuldade de venda dos produtos entre os entrevistados. A falta de maquinário no campo e de apoio estatal, a sujeição aos fatores climáticos, como a seca e a chuva – que muitas vezes os impedem de ir e vir, graças às péssimas condições das estradas onde moram - são grandes entraves para esses agricultores, e a situação apenas parece piorar. Muitos acordam de madrugada para estarem nas feiras e executam as vendas também em outras localidades, além da que é realizada em Campos (Grussaí, São João da Barra e Atafona)

“[...]Nós teríamos que ter incentivo não só na feira, nos teríamos que ter incentivo igual nos outros municípios, que tem com máquinas, com sementes... um incentivo pra ajudar o produtor a produzir, entendeu? Com assistência técnica no campo... hoje o município de campos produz por raça mesmo, porque a gente vem de uma família de produção... A gente tem é desmotivação, quando vai ceder um trator la pro fazendeiro, pro pequeno produtor não tem. Você vai pedir: não, não pode... Mas você conhece fazendeiro que tem trator da prefeitura. Pelo município nos somos abandonados... e pelo governo federal ahhh...” (PEREIRA, Ana 2016).

A agricultora Rosângela não esconde as dificuldades de manter a sua produção. A moradora do 5º distrito de São João da Barra possui uma plantação de aproximadamente três mil pés de abacaxi, dentre outros cultivos, e relata que teve o seu benefício cortado pela Prefeitura e que a falta de estrutura para as atividades produtivas era enorme. A energia elétrica em sua região foi requisitada pela própria família (Rosângela, o marido, a filha e dois netos) juntamente com a água potável (poços e bombas elétricas). Quanto à colheita, se queixou do alto custo do aluguel de um trator (em torno de R\$150 à hora) e também da recente seca que atingiu a região, onde a produção de feijão de corda decaiu bastante.

O sentido de pluriatividade e a ideia da necessidade de exercer outras atividades além da agricultura, para garantir a reprodução da família, não são compreendidos no sentido restrito do aumento do capital, pois são incorporadas no cotidiano de forma natural, contudo a atividade agrícola é a principal fonte de renda e caracteriza uma identidade cultural para os entrevistados. Quando questionados sobre como se sentiam em relação a esse estilo de vida, foram unânimes: todos são felizes no que fazem, mesmo com as dificuldades já mencionadas.

O processo histórico da evolução da Questão Agrária, desde a entrada do capitalismo no campo até a produção industrial do agronegócio culminou em diversos movimentos (MST) e saídas da população camponesa. Muitos não aguentaram as desigualdades, tanto produtivas/comerciais como as de moradia, e passam a tentar a vida na cidade grande, em subempregos. A Feira da Roça vai caracterizar um tipo de cooperativismo de comercialização descrito e sugerido por Kautsky. Na entrevista com o agricultor Ronaldo, é relatado que há uma troca de produtos entre os agricultores e pescadores para que algumas mercadorias específicas sejam vendidas em outras feiras. Segundo ele, isso o libera para poder fazer uma atividade diferente ao mesmo tempo em que seu produto é vendido em outra localidade. Não sabemos, entretanto, quantos aderem à mesma prática. Neste artigo, foi relatada somente por ele.

Com a pluriatividade o foco em distintas atividades pode acarretar na perda da qualidade do produto, pois não há especialização. Além disso, pelo fato de a produção ser pequena o poder de barganha prejudica a comercialização, mas ao mesmo tempo essas atividades desempenham uma independência econômica de uma atividade específica.

As adversidades enfrentadas pelos camponeses são as mais distintas e para a agricultora Ana Cordeiro desmotivam e enfraquecem a causa. Ainda com a perda da produção ou com o descaso do Estado, nenhum dos entrevistados relutou quanto a possibilidade de abandono da vida

rural. A ligação e a identidade com a terra são o maior motivo da permanência dessa parcela da população no campo, mesmo com todas as dificuldades. Desta forma, embora exercendo um trabalho alternativo, não agrícola, ela se identifica como agricultora.

A queda crescente e contínua das rendas agrícolas, com vendas cada vez menores e a falta de incentivo e suporte produtivo, relatado nas entrevistas, são fatores que estimulam a pluriatividade, especialmente a não agrícola. Em uma realidade no qual a agricultura se torna altamente modernizada e inserida em padrões de concorrência internacionais, os agricultores tendem a sofrer, cada vez mais, os efeitos da dependência tecnológica, que implica em aumentos frequentes e compulsórios dos custos de produção agrícola. Isto decorre do fato de que eles são compelidos a acompanhar, de forma incessante, os avanços nos índices de produtividade - da terra e do trabalho.

5 - CONCLUSÕES

A pluriatividade se distingue de um mero emaranhado de atividades pelo fato de ser planejada quando os agricultores se veem sem opções. Muitas vezes se torna uma fonte de renda extra permanente na unidade doméstica, e são praticadas por um ou vários membros da família. É considerada como a etapa final à integração familiar no intercâmbio mercantil, nos tempos atuais.

As atividades não agrícolas aparecem como reações às mudanças no mercado de trabalho e dão origem a novas ocupações que aparecem para o camponês de forma natural, como uma extensão do seu trabalho na terra. A ideia de camponês livre e autossuficiente fica cada vez mais para trás. A busca para se ajustar as mudanças do mercado os tornaram pluriativos querendo ou não e isso é evidente na constituição da família. Os camponeses sofrem as consequências da insegurança de viver no campo sob as rédeas capitalistas, aumentando a necessidade de dinheiro e dissolvendo aos poucos a unidade familiar. A concentração fundiária revela desigualdades e ainda hoje são arbitradas pelo poder do Estado. O agronegócio dominante atende a seus próprios interesses, a população marginalizada cresce e conflitos com a apropriação de terra e a reforma agrária continuam em debate.

Por fim, nas entrevistas observamos as dificuldades que cercam os agricultores familiares, seja pela falta de posse da terra, na ausência de infraestrutura básica de moradia, dos recursos escassos na produção, ou pela distância do centro de comercialização. A pluriatividade se revela de diferentes maneiras nos demais países, mas no Brasil ela tem o caráter de sobrevivência - foi

desigual e não privilegiou a todos. Todavia, esses agricultores mantêm uma relação de pertencimento muito forte com a terra, capaz de superar qualquer adversidade.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADALBERTO MIELITZ NETTO, Carlos Guilherme; MANOEL DE MELO, Lenivaldo; MACHADO MAIA, Cláudio. **Políticas Públicas e Desenvolvimento Rural no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

ANJOS, Flávio. S. dos. **Agricultura familiar, pluriatividade e desenvolvimento rural no Sul do Brasil**. Pelotas: Agufpel, 2003.

CANDIOTTO, L. Z. P. **Pluriatividade: aspectos históricos e conceituais**. Revista Faz Ciência. v. 9, n.10, jul/dez 2007. p.191-208.

DELGADO COSTA, Guilherme. A Questão Agrária e o Agronegócio No Brasil. In: CARTER, Miguel. **Combatendo a desigualdade social O MST e a reforma agrária no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2008. p.81-112.

GRAZIANO NETO, F. **A questão agrária e ecologia: crítica da moderna agricultura**. São Paulo: Brasiliense, 1982. 154 p.

KAUTSKY, Karl. **A questão agrária**. Col. Os economistas. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1986, p. 108-118.

PEREIRA, Ana. Pluriatividades na agricultura familiar. Santa Cruz – Campos dos Goytacazes (RJ), 06 de dezembro de 2016. Entrevista concedida a Ronaldo Rodrigues.

PIRES, José Antônio Simões; SPRICIGO, Gisele. **O CONCEITO DA PLURIATIVIDADE NA AGRICULTURA FAMILIAR**. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/13/794.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2016.

SCHNEIDER, Sergio. **Introdução sobre os estudos da pluriatividade no Brasil**. 2007. Disponível em: <portal.mda.gov.br/o/885021>. Acesso em: 07 dez. 2016.

SCHNEIDER, Sergio. **Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade**. RBCS, v.18, n. 51, fev. 2003.